

## VALEU O BOI! UMA ANÁLISE DE GÊNERO SOBRE A PRÁTICA DE MULHERES NA VAQUEJADA

**Recebido em:** 12/01/2019

**Aceito em:** 10/10/2019

*Anyelle Brito Leite Santos*<sup>1</sup>

Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)  
Petrolina – PE – Brasil

*Tassia de Souza Cavalcanti*<sup>2</sup>

Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertão)  
Petrolina – PE – Brasil

*Camila Batista Gama Moura*<sup>3</sup>

Universidade de Pernambuco (UPE)  
Petrolina – PE – Brasil

*Diego Luz Moura*<sup>4</sup>

Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)  
Petrolina – PE – Brasil

**RESUMO:** O objetivo do artigo foi analisar o discurso de mulheres praticantes de vaquejada em relação à sua inserção, acesso e participação nesta prática. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 20 mulheres praticantes de vaquejada. Foi utilizada a técnica de bola de neve para construção da amostra. As entrevistas foram analisadas a partir da análise interpretativa. Conclui-se que por um lado a vaquejada localiza a partir do marcador de gênero e que as mulheres inseridas nesta prática sofrem sanções específicas por ser mulher.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esportes. Identidade de Gênero. Vaquejada.

## VALEU O BOI! A GENDER ANALYSIS ON THE PRACTICE OF WOMEN IN VAQUEJADA

**ABSTRACT:** The objective of the article was to analyze the discourse of women practicing cowherd in relation to their insertion, access and participation in this practice. Semi-structured interviews were conducted with 20 cowherd women. The snowball technique was used to construct the sample. The interviews were analyzed from the interpretative analysis. It is concluded that on the one hand the vaquejada locates from

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia (Univasf).

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia (Univasf).

<sup>3</sup> Mestre em Educação (UPE)

<sup>4</sup> Doutor em Educação Física (UFRJ). Programa de Pós-Graduação em Educação Física (Univasf).

the gender marker and that the women inserted in this practice suffer specific sanctions for being a woman.

**KEYWORDS:** Sports. Gender Identity. Vaquejada.

## **Introdução**

A vaquejada surgiu a partir das festas de apartações entre os séculos XVII e XVIII. Nesse período, as fazendas não eram delimitadas por cercas e os gados eram ferrados e soltos na caatinga para que pudessem se alimentar, cabendo ao vaqueiro o traslado do gado para outras regiões. Nos meses de junho e julho, período de inverno no Nordeste, os vaqueiros eram solicitados pelos coronéis a realizarem a captura do gado que iria para a comercialização. Os peões entravam nas matas a cavalo para capturar o gado e o rebanho que resistia era perseguido e derrubado pela cauda (CASCUDO, 1976; FELIX; ALENCAR, 2011).

Os patrões passaram a organizar disputas e torneios, onde realizavam apostas entre si, enquanto os vaqueiros mostravam suas habilidades (SILVA; AZEVEDO, 2014). Assim, surgindo as corridas de mourão, no início na década de 1940, quando os vaqueiros corriam dentro do pátio da fazenda para derrubar o boi (AIRES, 2008).

A inovação da pecuária nas primeiras décadas do século XX, período em que o Brasil começou a receber outras raças de gado, trouxe novos modos de lidar com os animais (AIRES, 2008; BARBOSA, 2006). Essas mudanças foram cruciais para o surgimento da vaquejada moderna. De acordo com Silva e Azevedo (2014), os fazendeiros, principalmente do Nordeste, começaram a cobrar uma taxa dos vaqueiros para competir. Desta forma, a prática ganhou maior visibilidade e passou a fazer parte de eventos locais, tornando-se um evento de exibição nas cidades.

Os parques de vaquejada possuem uma padronização em relação à pista, local onde acontece a competição. A dupla, composta pelo “esteireiro” e “puxador”, monta em seus cavalos com objetivo de derrubar o boi dentro de uma área demarcada por duas faixas de dez metros de largura (FELIX; ALENCAR, 2011). Quando o boi é liberado pela porteira, o “bate-esteira” pega o rabo do boi e passa para o puxador que segura e puxa a cauda para derrubar o boi com as patas levantadas entre as duas faixas sem tocar nenhuma delas. Quando o boi é derrubado entre a faixa, o juiz utiliza a expressão “valeu o boi!”, assim somando ponto para dupla.

Em 2001, o vaqueiro (de vaquejada) foi equiparado ao atleta profissional, pela Lei nº 10.220 que considera aquele que participa das provas de rodeios, sendo estas entendidas como “montarias em bovinos e equinos, as vaquejadas e provas de laço, promovidas por entidades públicas ou privadas, além de outras atividades profissionais da modalidade organizadas pelos atletas e entidades dessa prática esportiva.”

Porém, desde o ano de 2013 a vaquejada tem dividido opiniões quanto à sua regulamentação como prática esportiva e cultural. Uns dos principais argumentos em relação à sua legalização estão pautados na importância cultural e seu retorno econômico. No dia 01 de novembro de 2016 foi aprovado o Projeto de Lei da Câmara (BRASIL, 2016) que definiu a vaquejada como manifestação cultural e de patrimônio cultural imaterial. Por fim, a Lei Nº 13.364 no dia 29 de novembro de 2016, elevou o Rodeio, a Vaquejada, bem como as respectivas expressões artístico-culturais, à condição de manifestação cultural nacional e de patrimônio cultural imaterial.

Um elemento importante neste movimento foi a Associação Brasileira de Vaquejada (ABVAQ), fundada em 2007, que busca garantir o crescimento do esporte, torná-lo sustentável e adequado aos tempos atuais. A ABVAQ apresentou um novo

regulamento da vaquejada, tendo com o objetivo a sua implementação nas vaquejadas do Brasil. Além de inovações para permanência da vaquejada, constam regras tradicionais a essa prática (LIMA et al. 2017).

Apesar do contexto da vaquejada dar maior visibilidade à figura masculina e reforçar atributos de masculinidade, existe um grupo de mulheres vaqueiras. As mulheres quando se inserem em práticas corporais consideradas masculinas trazem a tona uma série de representações de gênero que vão desde a preocupação da perda da feminilidade, como a de tais práticas não são feitas para mulheres. Porém, essas representações limitam a participação feminina no esporte (FERREIRA *et al.*, 2010; HILLENRAND; GROSSI; MORAES, 2008).

É neste sentido que devemos estudar as mulheres que acessam os espaços considerados exclusivamente masculino e reivindicam sua participação. No caso das vaqueiras, é importante apontar a criação da Associação Brasileira de Vaqueiras (ABRAVA) no ano de 2012 que foi criada com a finalidade de regulamentar e fiscalizar a prática feminina na vaquejada.

A inserção feminina nessa e em outras práticas esportivas possibilita a desconstrução de alguns estereótipos relacionados à mulher. Goellner (2013) destaca a importância dos estudos de gênero no esporte, pois o esporte é um fenômeno social e um lugar de resistência e transformador das relações de gênero. É nesse contexto, que este estudo busca analisar os discursos de mulheres praticantes de vaquejada em relação a sua inserção, acesso e participação.

## **Métodos**

Esse estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa. Realizamos entrevistas semiestruturadas com mulheres participantes de competições de vaquejada. Esse tipo de entrevista possibilita maior liberdade ao pesquisador, proporcionando maior flexibilidade e oportunidade na avaliação das atitudes e comportamentos (LAKATOS; MARCONI, 2009).

A amostra foi composta a partir da técnica de saturação. Essa ferramenta consiste na suspensão de novos participantes quando os dados passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição. A amostra foi saturada com total de 20 entrevistadas (BECKER, 1997).

As entrevistadas foram escolhidas a partir dos seguintes critérios de inclusão: a) mulheres participantes de competições de vaquejada no tempo mínimo de 1 ano e; b) mulheres com idade a partir de 18 anos. O início da coleta se deu através de contato com a Associação Brasileira de Vaqueiras (ABRAVA), à qual foi solicitada a indicação de uma vaqueira que se adequasse aos critérios da pesquisa. Em seguida sucederam-se os contatos com base na técnica da bola de neve (BECKER, 1997). As entrevistas foram realizadas através de chamada de vídeo.

O roteiro de entrevista foi construído em discussão junto ao grupo de pesquisa e em seguida avaliado por 2 doutores. Ressaltamos que a pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da Universidade Federal do Vale do São Francisco através do CAAE: 55593116.3.0000.5196 sob parecer N° 1.598.922.

## **Resultados e Discussão**

### **A Mulher e sua Inserção na Vaquejada**

As mulheres entrevistadas residem em estados das regiões nordeste, centro-oeste e sudeste. Pertencem à faixa etária entre 18 a 36 anos, e possuem tempo de prática que varia de 1 a 16 anos. Em relação ao estado civil, são em sua maioria solteiras, uma casada e outra divorciada. No que se refere à escolarização, três participantes possuem ensino médio completo, sete cursando nível superior ou técnico, sete com curso técnico ou graduação, duas especialistas e uma com mestrado.

As vaqueiras, pertencem a diferentes estados e regiões do país: Rio Grande do Norte (7), Piauí (3), Rio de Janeiro (1), Goiás (1), Ceará (2), Paraíba (1), Pernambuco (2), Alagoas (1) e Bahia (2). Apesar da maior representatividade das vaqueiras nordestinas nessa pesquisa, percebe-se uma expansão para as demais regiões do país. Embora seja uma prática oriunda dos vaqueiros, que não necessita de certificação, podemos encontrar praticantes com maiores níveis de escolarização (CASCUDO, 1976; AIRES, 2008).

Em relação às inspirações para o início na vaquejada dezesseis entrevistadas apontam influência de uma figura masculina da família, duas de amigos, uma de namorado e uma amiga, outra traz os vaqueiros do seu convívio e uma vaqueira ícone no universo feminino da vaquejada.

Meu avô era vaqueiro, meu pai também, meus tios e a minha família paterna era toda de vaqueiros. Eles me incentivam direta e indiretamente para entrar na vaquejada (Laura)<sup>5</sup>.

A minha maior inspiração é dos vaqueiros daqui mesmo e Francineide que foi essa vaqueira. Foi uma das grandes mulheres que puxou o boi mais ou menos na década de 1990 (Joana).

---

<sup>5</sup> Nomes fictícios

A luta feminina pelos seus direitos possibilitou a inserção das mulheres em práticas antes exclusiva apenas para os homens, inclusive a entrada em algumas práticas esportivas. Os estudos de gênero têm contribuído para desconstrução da utilização de características biológicas como forma de justificar o acesso e permanência em diferentes espaços da sociedade (SCOTT, 1995) e especificamente no campo esportivo (PEREIRA; MAZO, 2010).

Através da fala da última entrevistada, observa-se que na década de 1990 já havia a inserção de mulheres no contexto da vaquejada. Mesmo em com pouca representatividade, as mulheres se inseriram neste espaço que foi criado e mantido sob o domínio masculino. As falas abaixo também corroboram com essa discussão, onde se tem a inserção da mulher nas competições de vaquejada.

Como meu pai faz vaquejada, eu sempre estava no meio de tudo isso, e... Ia pra um ou outro que tinha o pessoal que corria pra ele, a gente sempre acompanhava, eu com minha família, com meu irmão também, desde muito nova, desde nascença praticamente (Brisa).

Minha mãe estava grávida de mim e batia esteira para o meu pai, então eu já nasci no meio (Paula).

Todas as falas retratam o conhecimento da prática antes de começarem a competir. Relataram que frequentavam a vaquejada para prestigiar as corridas dos familiares e uma delas relata que sua genitora era bate esteira de seu pai durante a sua gestação. Possuíam aproximação com o cavalo e boi desde a infância por já estarem inseridas nesse meio ou se inserirem através da prática do hipismo. Com relação à idade que começaram na vaquejada, duas iniciaram a prática por volta dos oito anos correndo em pôneis e derrubando bezerros. Duas com 12 a 13 anos, onze de 15 a 19 anos e cinco de 21 a 26 anos.

Ao mencionarem seu início na vaquejada, a maioria das mulheres já tinham conhecimento de outras pessoas que corriam vaquejada, o que facilitou o acesso. Quatorze entrevistadas relataram resistência dos familiares sobre sua inserção na vaquejada pelo receio da mãe (em sua maioria), dos avós ou pai de que se machuquem, por ficar longe de casa, o preconceito a prática do esporte pelas mulheres e pela prática ser cara. A aceitação dos familiares se deu ao perceberem a seriedade e o comprometimento pelo esporte, conquista de premiações, por ter algum familiar vaqueiro e após o conhecimento da existência de mulheres no esporte.

Eu comecei a competir, é em casa, desde 2007, se não me engano eu tinha 13 anos, e com 17 anos eu comecei a correr outras vaquejadas... A paixão pelos animais, eu via também muito meu pai competir, o pessoal também de casa e comecei a criar gosto assim de participar dos eventos. [...] Só que meu pai incentivava mais o meu irmão (Ana).

Com uns 25 anos. Meu irmão, um deles achava ótimo, o mais velho, mas ele não gostava, aquela coisa do preconceito que dizia que era coisa de homem [...] quando eu comecei a ficar independente, eu disse, não, agora eu vou correr, eu posso [...]eu vejo um machismo que existia até hoje (Julia).

A vaquejada teve seu início no sertão nordestino, mas se tornou um evento multirregional (AIRES, 2008). As praticantes, em sua maioria, são provenientes de localidades próximas às fazendas. Recebem maior influência por parte de figuras masculinas, dentre eles familiares, amigos ou namorados que exerciam a prática de derrubar o boi. Relatam o contato com os animais desde a infância, pelo fato de seus pais possuírem fazenda. Esse dado corrobora com o estudo de Adelman (2003), no qual as atletas profissionais de hipismo, esporte que possui contato direto com o cavalo, relatam uma aproximação com cavalo ou com esse contexto desde a infância.

Ao mesmo tempo em que suas maiores inspirações para inserção na vaquejada vieram de seus familiares, são estes que na maioria das vezes agiram de forma a

dificultar a inserção ou avanço devido a preconceitos. Muitas vezes os pais estimulam e incentivam mais o irmão devido a prática envolver um risco físico considerável, dado que remete a representação de corporeidade, havendo o enaltecimento dos atributos corporais quando se trata da figura masculina. Esse resultado corrobora com o estudo realizado por Mariante; Wenz e Stigger (2010), que retrata a prática do boxe por mulheres, apresentando os mesmos dados em relação à inserção feminina.

Como sua inserção na prática começou nas fazendas, acontecendo em espaço privado, percebe-se uma maior permissividade por parte da família. Porém, a partir do momento que demonstram interesse em participar das competições, saindo do espaço privado e indo para público, os seus familiares demonstraram maior resistência em relação a sua inserção. Todavia, as forças de resistências não são suficientes para impedir a inserção das vaqueiras na prática da vaquejada.

### **Do Privado ao Público: O Acesso de Mulheres Vaqueiras**

Em relação aos treinos, a maioria relata dificuldade em treinar ou ter frequência nos treinos devido a outras atividades como o trabalho e a faculdade. Quatro delas relatam que estão participando das competições sem treinar e as demais, mesmo não sendo frequente, treinam nas pistas de suas casas ou de amigos. Mais da metade relata que não há a presença feminina quando estão treinando.

Eu treino onde meu pai fazia o evento, parque arapuá, sempre quando posso. Eu treino, mas em questão de fase, sabe? Porque chegou um tempo que eu tava treinando bastante, mas como chegou outras responsabilidades [...] O pessoal é bastante próximo, incentivam, tem um pessoal que trabalha lá em casa, então sempre estão incentivando, quando a gente treina e tem sucesso no treino, eu fico super animada (Camila).

Relatam que o pai, funcionários das fazendas e professor observam e orientam em relação aos erros, incentivam e estimulam. Relatam que há admiração por parte de alguns homens e público, maior aceitação quando os treinos acontecem nos ciclos de amizade e relatam tratamento igual aos homens em relação às cobranças e técnicas.

Diante das dificuldades relatadas pelas vaqueiras para treinar e competir com regularidade, percebemos que a prática da vaquejada não se concilia facilmente com as outras atividades. Nenhuma das vaqueiras possui esta prática como ocupação principal, devido à dificuldade de encontrar patrocinadores.

Um aspecto é interessante de destacar é o relato de que a cobrança técnica é igual ao dos homens. Este relato se diferencia de outros estudos que apontam que os meninos são estimulados a competir, enquanto as práticas para as meninas são apenas para lazer (ADELMAN, 2003; MARIANTE; WENETZ; STIGGER, 2010). O que demonstra que as mulheres são valorizadas pelas suas técnicas na modalidade e não apenas por exotismo ou pela erotização de seus corpos.

Ao descreverem a sensação de derrubar o boi pela primeira vez trazem como uma das melhores sensações vivenciadas. Representa também a superação de limites, mistura de emoção, realização de sonho, a representação de ser vaqueira e afirmação da sua capacidade para as pessoas.

Foi inacreditável quando derrubei o boi pela primeira vez, porque eu nunca imaginei, eu magrinha, pequenininha, pouquinha, ah... é a gente derrubando e a galera gritando lá em baixo. É uma sensação ótima, uma vitória, alegria, vem a emoção (Jaqueline).

Uma sensação de realização, [...] você conseguir fazer mesmo com todas as dificuldades de ser mulher e você consegue fazer igual aos meninos, você fazer igual ao seu pai ao seu tio para mim foi uma realização muito grande... (Roberta).

Ao derrubar o boi pela primeira vez agrega reconhecimento e demonstração de suas habilidades, possibilitando problematizar as normas sociais de gênero no esporte. Dessa forma, indo contra os atributos de gênero hegemonicamente aceitos, no qual o homem é forte e dominador do animal e a mulher como submissa e frágil (SCOTT, 1995). Notemos como a habilidade em uma prática corporal pode se impor como um elemento que reivindica o espaço da mulher (MOURA *et al.* 2009). No caso da vaqueja, embora seja uma prática que envolva uma estética de força há um componente relacionado a habilidade em derrubar o boi que as aproxima dos homens. Este elemento relativiza as barreiras biológicas e coloca apenas o foco no debate social. Neste sentido, a vaqueja por possuir a técnica como um dos principais elementos de êxito, proporciona que preconceitos de gênero possam ser menos incidentes.

Podemos perceber que o acesso a vaqueja encontra maior dificuldade com a conciliação entre a dedicação aos treinos e a carreira profissional, na medida em que as mulheres possuem maiores dificuldades na obtenção de incentivos e patrocínios (HILLEBRAND; GROSSI; MORAES, 2008; CHAN-VIANNA; MOURA; MOURÃO, 2010).

### **Avanços e Negociações no Ambiente da Vaquejada**

Apesar dos obstáculos enfrentados, percebe-se cada vez mais a participação feminina no esporte e sua inserção em práticas antes consideradas de hegemonia masculina. Nos circuitos da Associação Brasileira de Vaquejada, há os circuitos da tropa de elite feminina, onde o puxador necessariamente deve ser uma mulher, enquanto o esteireiro poderá ser ou não desse mesmo sexo e que todas as competidoras poderão participar de todas as categorias.

Notemos que no campo da vaquejada, as mulheres conseguiram empreender junto à ABRAVA um reconhecimento, acesso e participação. E sabendo do pouco número de mulheres, conseguiram negociar a participação dos homens como uma forma de garantir a participação do protagonismo das mulheres. Pois uma regra de exclusividade da mulher nas tropas femininas poderia inviabilizar a participação das mulheres pelo número reduzido de praticantes. Desta forma, a presença do homem na tropa feminina é de coadjuvante, na medida em que a função de destaque é protagonizada apenas pelas mulheres. A inserção dos homens nas tropas femininas não é uma “invasão” que ameaça a participação das mulheres, mas uma forma de conciliação para que as mulheres possam continuar possuindo sua tropa feminina. Portanto, a associação atua como mediadora das relações entre homens e mulheres em que no resultado final todos saem ganhando.

A partir dessas questões, percebe-se uma negociação de espaço, como nem todas as vaquejadas têm suas tropas femininas promovidas pela ABRAVA, alguns organizadores não seguem o regulamento da associação. Para que se tenha uma etapa do circuito é necessário que o organizador siga rigorosamente o art. 6 do estatuto, referente às categorias de competição, condições estruturais do local das competições, premiação e divulgação. Bem como, no estado tem que ter, pelo menos, duas sócias que se “responsabilizem” e queiram a etapa em sua região. Segundo a presidente da associação, elas possuem uma boa relação e aceitação com os organizadores. Dessa forma, percebe-se uma negociação de espaço que ainda está em disputa.

As facilidades relatadas sobre sua participação nas competições estão relacionadas a não cobrança das senhas (taxas) ou cobrança de valor inferior em relação ao da masculina, devido a categoria feminina ser vista como uma atração pelo público e

poder participar não só das tropas femininas. Podemos perceber nas justificativas trazidas pelas entrevistadas que há alguns benefícios para participação das mulheres:

Quando a gente participa, sempre tem muita gente assistindo, as pessoas ficam super ansiosas pra ver a gente competir (Eduarda).

Sempre eles ajeitam pra gente geralmente eles não cobram senha, que dão um prêmio pequeno ou então cobra uma senha mais barata, geralmente a gente paga metade do preço da senha masculina só que o prêmio é menor. Eles separam as coisas da gente, o horário, corre tudo junto, às vezes corre junto com os homens e vai se classificando, mas por aí vai, tá melhor já do que antes (Fernanda).

Todavia, embora relatem algumas vantagens da participação feminina, isto não as isenta de uma série de dificuldades como: não possuírem cavalo ou como transportá-lo devido à distância; dificuldade financeira e/ou falta de patrocinador; não ter as tropas de elite em todas as vaquejadas; não ter gado mobral (que não tenha corrido tanto); indefinição dos horários de início da competição feminina; falta de alojamento para as mulheres; premiação mais baixa que as masculinas; os organizadores dificultarem as tropas femininas e falta de tempo das vaqueiras para competir.

As mulheres trazem, a partir das suas vivências, percepções em relação a sua inserção nestas práticas relacionadas ao preconceito, voltado para dois aspectos: as diferenças relacionadas ao biológico que, segundo elas, as tornariam menos competentes para competir; e a sua masculinização, colocando em dúvida a sua orientação sexual.

Metade das entrevistadas considera que ser mulher atrapalha de alguma forma na sua prática: ter que viajar para competir, não possuir alojamentos para elas e a preocupação dos pais sobre com quem vai, onde vai ficar e pelo medo de se machucarem, conseguir patrocínio e assédio. As demais consideram que ser mulher não atrapalha por atualmente sofrerem menos preconceito, por atraírem o público e trazerem

mais lucro para os organizadores. Podemos perceber o fato de ser mulher não atrapalha a prática da vaquejada, pelo menos para a metade das entrevistas. Notemos que as falas da outra metade são bem específicas sobre as questões de gênero, o que nos permite apontar que o universo da vaquejada foi impactado pelo discurso de equidade e vem sofrendo alterações sensíveis.

No que se refere às relações com os homens, sendo eles competidores ou espectadores, há uma divisão na forma como estes tratam as vaqueiras. Relatam não encontrar problemas quando precisaram correr com outras pessoas. Uma relação amigável e de respeito com o bate esteira e outros vaqueiros, na qual estes evitam palavrões e brincadeiras na presença delas. Há uma preferência em fazer duplas com os homens por estes passarem mais confiança devido a experiência. Alguns homens apresentam atitudes machistas, soltando piadas, emprestam cavalos por interesses afetivos e culpabilizam a mulher por um possível baixo desempenho da dupla. A relação de respeito e admiração acontece com as mulheres casadas e/ou quando eles são familiares, amigos ou passam a fazer parte do ciclo de amizade delas. Esse fato gera um distanciamento por parte delas em relação às figuras masculinas que possuem algum tipo de resistência à classe feminina.

Geralmente a relação com os homens que participam são bem melhores do que os homens que vão pra vaquejada só por conta da festa, porque quem participa das competições entende que a pessoa tá lá correndo e quer fazer esporte, até que eu sou muito a favor de mulher correr com homem do que mulher com mulher, porque geralmente as mulheres que estão correndo elas não são tão experientes como os homens, que são poucas e começaram a correr agora (Isabela).

Podemos perceber que embora as vaqueiras relatem alguns casos de preconceitos na relação com os homens, também destacam respeito e admiração dos homens por elas. Algumas relatam até que preferem correr com homens devido a maior

experiência dos homens na modalidade. Notemos novamente como a vaquejada apresenta desigualdades menos hierárquicas nas relações entre os gêneros.

A relação de amizade, admiração, respeito e incentivo entre as vaqueiras se sobressaem. O empréstimo de acessórios, cavalo e bate esteira aparece no discurso de oito entrevistadas e três citam que comemoram a vitória uma da outra. Os conflitos que existem entre elas são vistos devido à existência de grupinhos ou por não saber separar a competição da amizade. De acordo com Saffioti (2004), apesar do termo gênero ser mais utilizado para designar as relações entre os sexos opostos, essa categoria também possibilita localizar relações assimétricas e igualitárias homem-homem e mulher-mulher.

Não conheço todas, mas as que conheço são gente boa e tal, conversam muito sobre a corrida, uma empresta cavalo a outra que não tem cavalo, a gente conversa e dá dica, de alguma coisa que faltou[...] (Larissa).

[...] chega a ter rivalidade entre algumas [...] porque não pode levar em consideração o que tá dentro da pista pra fora. A rivalidade é dentro da competição e não na amizade (Vick).

Em relação ao tratamento dos organizadores, em sua maioria, consideram que possuem alguns benefícios como em relação aos horários das competições, melhores premiações, disponibilização de alojamento, valor pago para competir inferior ao masculino ou gratuito, uma boa boiada e recebimento da premiação de acordo com a divulgação. Mas ressaltam que estes benefícios só acontecem quando há filha de donos do parque competindo, quando a dona do parque é mulher, possuem mulheres nas organizações ou quando é etapa organizada pela ABRAVA.

Em relação às premiações todas as mulheres relatam que as masculinas são sempre maiores, justificando a diferença ao menor número de mulheres em relação aos homens, por não pagarem para competir ou pagar valor inferior. O fato de não

possuírem padrões e a dificuldade em conseguir patrocinadores, diferente da categoria masculina, não conseguem viver do esporte e não ter condições financeiras de pagar o mesmo valor que os homens para competir.

Sim, a masculina sempre é uma premiação alta, a da gente não, é fica, a que eu fui que teve premiação maior foi 10 mil reais. A senha deles é um valor maior e a da gente não, dependendo da corrida, a senha é mais barata, tem corridas que só tem três meninas correndo, aí isso não compensa ele colocar a premiação de 20, 30 mil reais pra 3 meninas que vão correr, 10, isso não compensa pra eles né? (Olga).

[...] Se conseguíssemos patrocinadores ou tivéssemos padrões, assim como eles, conseguiríamos pagar o mesmo valor que eles e receber a mesma premiação (Flor).

De acordo com Goellner (2005), ainda que ao longo da história a mulher tenha deixado de ser apenas espectadora e tenha conquistado espaços no esporte, é notório a menor representatividade em relação à masculina. Uma das dificuldades encontradas pelas vaqueiras está relacionada ao patrocínio ou uma maior aproximação com a remuneração dos homens. Todavia, em muitas vaquejadas não são cobradas as “senhas” ou taxas para sua participação.

Notemos que por um lado a vaquejada localiza a partir do marcador de gênero e que as mulheres inseridas nesta prática sofrem sanções específicas por ser mulher. Todavia, por outro lado, estas mesmas mulheres usufruem de uma série de benefícios e vantagens. Estes benefícios só foram possíveis através de um movimento de sensibilização no processo interativo e das normatizações de uma associação que defende e representa a participação feminina.

## **Conclusões**

Neste artigo analisamos as questões de gênero no campo da vaquejada. Embora reconheçamos que a vaquejada possui a representação de um imaginário do homem nordestino, percebemos que as mulheres conseguiram conquistar alguns espaços neste contexto.

A criação da tropa feminina na ABRAVA como mecanismo de fiscalização, controle e participação das mulheres na vaquejada é um instrumento de afirmação de um espaço de participação das mulheres neste contexto. As informantes ressaltam que o público reage de forma positiva a participação feminina e que há uma estrutura nas competições que facilitam a participação das mulheres como um custo menor das senhas e o fornecimento de um gado de mais fácil controle e manejo.

Todavia, coexistem alguns entraves relacionados ao gênero na participação das mulheres como preconceitos relacionados a habilidades, o interesse afetivo dos homens da hora de emprestar equipamentos e gados e a escolha de horários secundários para as mulheres. Levando-nos a inferir que as questões de gênero moldam as representações sobre a mulher nesse contexto.

Dessa forma, embora o contexto da vaquejada reproduza algumas questões de gênero, ao mesmo tempo as encara fornecendo enfrentamentos que valorizam e estimulam a participação das mulheres. Podemos perceber que estas ações só foram possíveis devido a articulações sociais e políticas como a ABRAVA. Neste sentido, é importante que as demais práticas corporais vejam a vaquejada como um exemplo de que a articulações políticas em prol da participação feminina pode apresentar resultados positivos, mas que por sua vez não podem camuflar as desigualdades que ainda estão sendo reproduzidas.

## REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, v.11, n. 2, 2003.

AIRES, F. J. F. **O espetáculo do cabra macho**: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte. Natal, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE VAQUEJADA. Disponível em: <https://www.abvaq.com.br/telas/3> . Acesso em: dezembro de 2016.

BARBOSA, E. L. **Valeu boi! O negócio da vaquejada**. Teresina: EDUFPI, 2006.

BECKER, S. H. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRASIL. **Lei nº 10.220**, de 11 de abril de 2001. (2001). . Institui normas gerais relativas a atividade de peão de rodeio, equiparando-o a atleta profissional. Diário Oficial da União, Brasília. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/L10220.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/L10220.htm).

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.367**, de 29 de novembro de 2016. (2016). Eleva o Rodeio, a Vaquejada, bem como as respectivas expressões artístico-culturais, à condição de manifestação cultural nacional e de patrimônio cultural imaterial. Diário Oficial da União, Brasília.

CASCUDO, L.C. **A vaquejada nordestina e sua origem**. Fundação José Augusto: Natal, 1976.

CHAN-VIANNA, A. J; MOURA, D. L, MOURÃO, L. Educação Física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. **Movimento**, v. 16, n. 2, 2010.

FELIX, F. K. L; ALENCAR, F. A. G. A. O vaqueiro e a vaquejada: do trabalho nas fazendas de gado ao esporte nas cidades. **Revista Geográfica de América Central**, 2, 1-13 Universidad Nacional Heredia, 2011.

FERREIRA, H. J, SALLES, J. G. C; SOUSA, D. A; MOREIRA, N. C. L; ZEFERINO, J. C. Preconceito de gênero: a visão das atletas de futsal feminino, **Coleção Pesquisa em Educação Física**, 9(2), 223-230, 2010.

GOELLNER, S. V. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. Niterói, **Tempo**, v.19, n. 34, p. 45-52, 2013.

\_\_\_\_\_. Mulher e esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem história, Goiania, **Pensar a prática**, v.8, n. 1, p. 85-100, 2005.

HILLEBRAND, M. D; GROSSI, P. K; MORAES, J. F. Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário. **Psico**, v. 39, n. 4, p. 9, 2008. 425-430, 2008.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas. 2009.

LIMA, J. M. G; MELO, R. S; GUIMARÃES, E. S; GUIMARÃES, J. R. S. A tensão “natureza/cultura” na vaquejada nordestina. *In*: Saúde e meio ambiente: os desafios da interdisciplinaridade nos ciclos da vida humana. Org: ONE, G. M. C; ALBUQUERQUE, H. N. Instituto Bioeducação, Campina Grande, 1, 2017.

MARIANTE, F. P. N; WENETZ, I; STIGGER, P. M. Boxe: como elas fazem? Porto Alegre, *In*: FAZENDO GÊNERO, 9, 2010. **Anais...**

MOURA D. *et al.* Esporte, mulheres e masculinidades. **Esporte e Sociedade**, v. 5, n. 13, p. 1-22, 2009.

PEREIRA, E. L; MAZO, J. Z. Salto alto e botas: representações das mulheres nas práticas equestres em Porto Alegre/RS produzidas pela Revista do Globo (1929-1967). Porto Alegre, *In*: FAZENDO GÊNERO, 9, 2010. **Anais...**

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, G. K. N; AZEVEDO, F. F. Consumo versus cultura: a vaquejada utilizada como instrumento para a reprodução do capital em macaíba-RN. **Revista de Geografia** v. 31, n. 3, 2014.

### **Endereço dos Autores:**

Anyelle Brito Leite Santos  
Univasf - Av. Jose de Sá Maniçoba z/n, Centro  
Petrolina – PE – 56.304-917  
Endereço Eletrônico: anyelle\_santos@hotmail.com

Tassia de Souza Cavalcanti  
Univasf - Av. Jose de Sá Maniçoba z/n, Centro  
Petrolina – PE – 56.304-917  
Endereço Eletrônico: tassia.cavalcanti@gmail.com

Camila Batista Gama Moura  
Univasf - Av. Jose de Sá Maniçoba z/n, Centro  
Petrolina – PE – 56.304-917  
Endereço Eletrônico: camilabatista.g@gmail.com

Anyelle Brito Leite Santos, Tassia de Souza Cavalcanti,  
Camila Batista Gama Moura e Diego Luz Moura

Valeu o Boi!

Diego Luz Moura  
Univasf - Av. Jose de Sá Maniçoba z/n, Centro  
Petrolina – PE – 56.304-917  
Endereço Eletrônico: [lightdiego@yahoo.com.br](mailto:lightdiego@yahoo.com.br)